

DIVERSIDADE EM DEBATE

HOMOSSEXUALIDADES, TRAVESTILIDADES E TRANSEXUALIDADES: DISCUTINDO E DESCONSTRUINDO ALGUMAS METANARRATIVAS

Profa. Drna. Deise Azevedo Longaray*

Profa. Dra. Joanalira Corpes Magalhães**

Resumo

Neste texto convidamos você, leitor/a, a pensar sobre algumas situações que ocorrem no cotidiano da escola. Vamos conhecer esses casos?

Situação – menina lésbica

Em um curso de formação de professores/as, uma professora relatou que sua enteada é lésbica e que seu marido, o pai da menina, não a aceita e fica chamando-a de “meu machinho de saia”, porque na escola ela gostava de jogar futebol. A situação ficou complicada e a família resolveu procurar um psicólogo para tratar a menina, pois foram chamados na escola dizendo que ela precisava de um apoio.

Situação – travesti na sala de aula

Em um curso de formação de professores/as, uma professora relata que, no ano

*Doutoranda do PPG Educação em Ciências (FURG).

**Professora do Instituto de Educação (FURG) e doutora em Educação em Ciências.

anterior, havia “um aluno” travesti que ficava quietinho no canto e não incomodava, mas que neste ano tinha “um outro”, que não parava quieto. Ficava desfilando pela sala de aula com a calcinha aparecendo. Incomodada com a situação, falou com a diretora da escola e pediu que tomasse alguma providência, pois a situação estava incontrolável. A diretora chamou “o estudante” e disse que, se ele quisesse permanecer na escola, teria que se comportar, parar de se exhibir e esconder a calcinha já que isso não é comportamento de um menino normal.

Colega professor/a, você já vivenciou cenas como essas? Como você reagiria diante dessas situações? Nelas, a homossexualidade, assim como a transexualidade e a travestilidade, são entendidas como identidades desviantes, anormais, você concorda com essa posição? As situações apresentadas nos possibilitam perceber o quanto os sujeitos homossexuais, travestis e transexuais são apontados socialmente como aqueles/as que precisam de alguma ajuda, de uma intervenção ou um tratamento, para que se corrija esse tipo de comportamento considerado “anormal”. Muitos/as desses sujeitos em algum momento de sua vida já foram encaminhados/as ou lhes foi sugerido procurarem psicólogos/as e psiquiatras com a intenção de serem salvos/as, curados/as ou tratados/as. Mas seria a homossexualidade uma doença? E a travestilidade e a transexualidade?

Desde 1990 a homossexualidade não é considerada uma doença. A Organização Mundial da Saúde a retirou, no dia 17 de maio daquele ano, do rol de doenças, por isso esse dia é instituído como o Dia Internacional de Combate à Homofobia¹.

Até o ano de 1990, usava-se a expressão homossexualismo para referir-se aos sujeitos homossexuais, pois o sufixo ismo remete à patologia. A partir do momento em que essa identidade sexual sai da lista de doenças, ela passa a ser denominada homossexualidade.

Com relação às identidades de gênero, ou seja, à transexualidade e à travestilidade, discussões nesse âmbito ainda se estabelecem. Transexuais, para conseguirem modificar seus corpos, por meio da realização da cirurgia de mudança de sexo ou transgenitalização, devem passar por um diagnóstico e, se obtiverem “aprovação” nos testes médicos e psicológicos realizados, podem vir a ter o corpo e o “sexo” desejado. De acordo com a 5ª versão do Manual de Diagnóstico e Estatísticas de Distúrbios Mentais (DSM-V), publicado em maio de 2013, a transexualidade não é mais considerada uma doença mental, um transtorno de

¹No ano de 2006, o integrante do GESE, o Prof. Dr. Felipe Bruno Martins Fernandes, participou da elaboração e aprovação da 1ª Lei (Nº 6.257) que instituiu o Dia Municipal de Combate à Homofobia, 17 de maio, na cidade do Rio Grande.

identidade de gênero como era descrita na versão anterior do documento. Contudo, o código ainda a classifica como disforia de gênero, referindo-se aos problemas que a pessoa transexual tem ou pode vir a ter por não se identificar com o corpo e a genitália de nascimento. Por considerarem que ainda permanece um viés patologizante com relação à transexualidade, Movimentos Trans vêm lutando pela retirada da transexualidade desse código, não restando, assim, qualquer relação com problemas psíquicos.

Há um projeto de lei em discussão, conhecido como Lei João W Nery - Lei de Identidade de Gênero, de autoria do Deputado Jean Wyllys e Érika Kokay, que “dispõe sobre o direito à identidade de gênero e altera o artigo 58 da Lei 6.015 de 1973”. Esse projeto tem como propostas em seus parágrafos únicos:

- O exercício do direito à identidade de gênero pode envolver a modificação da aparência ou da função corporal através de meios farmacológicos, cirúrgicos ou de outra índole, desde que isso seja livremente escolhido, e outras expressões de gênero, inclusive vestimenta, modo de fala e maneirismos.
- Em nenhum caso serão requisitos para alteração do prenome:
 - I - intervenção cirúrgica de transexualização total ou parcial;
 - II - terapias hormonais;
 - III - qualquer outro tipo de tratamento ou diagnóstico psicológico ou médico;
 - IV - autorização judicial.
- O nome social requerido deverá ser usado para a citação, chamadas e demais interações verbais ou registros em âmbitos públicos ou privados.

Embora exista uma ampla discussão no sentido de desconstruir o entendimento dessas identidades de gênero e sexuais como desvios, patologias, ainda percebemos em alguns espaços educativos, como os artefatos culturais de ampla circulação e acesso – revistas, jornais, facebook, entre outros – a (re)produção de determinadas formas de representar esses sujeitos, conforme os trechos citados abaixo:

Agora, o maior estudo sobre o assunto quer responder: é possível nascer homossexual? (NOGUEIRA, 2011).

Candidatas transexuais que fizeram a edição de 2013 do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) relataram que sofreram constrangimento na hora de apresentarem o documento de identidade aos fiscais das salas de prova no sábado (26). Como usam um nome social diferente do nome indicado no documento de identificação,

duas estudantes transexuais disseram que só receberam o caderno de provas no primeiro dia depois de um longo processo de conferência de dados. (MORENO, 2013).

O que podemos observar nos excertos acima é o quanto gays, lésbicas e transexuais são apontados como aqueles sujeitos que apresentam algo de errado em seus corpos, o qual deve ser corrigido. É através da construção do corpo de um sujeito homossexual, transexual ou travesti e suas diferenças, que acabam por socialmente constituírem-se táticas políticas de dominação e exclusão, as quais se reproduzem nos saberes produzidos e nas histórias que são narradas sobre esses sujeitos.

Essa (re)produção constante do/a homossexual, transexual ou travesti como anormal acaba por gerar preconceitos, maneiras de definir e perceber esses sujeitos como objetos a serem corrigidos.

Nas escolas também percebemos algumas estratégias sendo utilizadas para trazer para a “normalidade” os/as alunos/as que em algumas situações do espaço escolar escapam do sistema de igualdade que é, muitas vezes, imposto na escola. Assim, acreditamos que problematizar nesse contexto as temáticas diversidade sexual e de gênero, de modo a discutir sobre as múltiplas formas de ser, estar e viver os prazeres e desejos, possibilitará desconstruir algumas metanarrativas² que reforçam a homofobia na escola.

Referências:

MORENO, Ana Carolina. Candidatas transexuais do Enem dizem ter sofrido constrangimento. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/enem/2013/noticia/2013/10/candidatas-transexuais-do-enem-dizem-ter-sofrido-constrangimento.html>>. Acesso em: 29 out. 2013.

NOGUEIRA, Pablo. O polêmico gene gay: a relação entre genética e homossexualidade vive sendo provada e contestada. Agora, o maior estudo sobre o assunto quer responder: é possível nascer homossexual? Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDG801537943197,000+POLEMICO+GENE+GAY.html>>. Acesso em: 27 set. 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. O adeus às Metanarrativas Educacionais. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **O sujeito da Educação**: estudos foucaultianos. 5. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

²Metanarrativas tratam-se de narrativas que descrevem ou explicam de forma abrangente situações sociais. As metanarrativas têm sido usadas apenas para justificar a ausência de outras narrativas que não vão ao encontro das que as narrativas mestras que circulam socialmente (SILVA, 1994).